

Isabel Cristina de Moura Carvalho
Psicóloga e Dra. em Educação
Profa. Do Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Luterana do Brasil - ULBRA Canoas, RS

“Ao se tornar um relato que reconstruímos incessantemente, que reconstruímos com os outros, a identidade se torna também uma co-produção” (Nestor Canclini, Consumidores e Cidadãos)

Neste artigo pretendo abordar a educação ambiental enquanto um fazer educativo que é constituído objetiva e subjetivamente, configurando um campo de saber fortemente investido das experiências de vida dos que ai se reconhecem como educadore/as ambientais. Seguindo as pistas de Canclini para quem a identidade é uma construção que se narra, a EA pode ser tomada como uma narrativa, espaço de vida e de profissionalização, lugar da formação de identidade pessoal e profissional. E, seguindo as contribuições do debate sobre narrativa e identidade (Ricoeur, 1994; Bruner, 1997; Geertz, 1989), pensamos a identidade não no sentido de marca idiossincrática, individual que diz respeito apenas a intimidade do indivíduo. Interessa-nos aqui o conceito de identidade como co-produção, construção coletiva, com os outros, cujo espaço de constituição são as relações indivíduos-sociedade, isto é, a intersubjetividade dos grupos sociais, suas crenças e valores socialmente produzidos e partilhados.

biografia: uma vida significada

Nós, os seres humanos, não somos senhores do tempo nem do destino. Não dominamos tudo o que nos acontece. A despeito de toda razão calculadora e planejadora que constitui nossos sentimentos modernos e da crença na centralidade desta razão na ordenação do mundo, estamos sempre sendo surpreendidos pelo imprevisível, pelo não controlável e não planejável. Trata-se do encontro com o arbitrário do destino, com o desconhecido em nós, com tudo o que nos acomete em golpes de sorte, azar, sincronicidade, acaso, lapsos.

Mas, se não somos senhores do destino e do que nos acontece, ao menos, como nos mostra Ricoeur em tempo e narrativa (1994) somos seres cuja natureza é significar o que nos acontece. Desta forma, buscamos construir sentidos, encadear o arbitrário em narrativas, tramas onde a tessitura de sentidos é o que pode transformar um conjunto de ações transcorridas numa biografia, um conjunto de fatos vividos numa *experiência* de vida. Esta transformação é operada pela reflexividade, pela realização da natureza reflexiva e simbólica do humano. É aqui que reside a possibilidade humana de aprender e ressignificar libertando-se da fixação de um vivido que, enquanto ação factual objetiva, é irreversível. O indivíduo alienado de seu enraizamento histórico torna-se muito mais facilmente refém das ações transcorridas, sendo-lhe vedado o acesso à imaginação de novos futuros e a

reinterpretarão do passado — ambos processos profundamente interligados, como nos mostra a psicanálise¹.

Isto nos remete ao conceito de experiência, em seu sentido forte, como Gadamer (1998) o compreende. Para este autor, condição inerente a experiência é a historicidade. Uma historicidade que não se atém meramente ao plano da vivência factual, mas sobretudo aos efeitos que possibilitam uma consciência histórica dos fatos vividos. Ser experiente para Gadamer é manter a abertura para o experienciar; para as relações de alteridade com o mundo, com o Outro e com a finitude:

"Quem está e atua na história faz constantemente a experiência de que nada retorna. Reconhecer o que é não quer dizer aqui conhecer o que há num momento, mas perceber os limites dentro dos quais ainda há possibilidade de futuro para as expectativas e os planos: ou mais fundamentalmente, que toda expectativa e toda planificação dos seres finitos é, por sua vez, finita e limitada. A verdadeira experiência é assim, a experiência da própria historicidade". (Gadamer, 1998:527-528)

Desta forma, o sujeito reflexivo, como o tomamos aqui, inspirados na contribuição hermenêutica de Gadamer, é aquele que aquele capaz de transformar fatos vividos em experiência e, neste sentido, é protagonista de sua biografia, fruto de uma vida pensada, historicamente situada nas relações com os outros.

Educação ambiental: projeto de vida e campo de possibilidades

A escolha da profissão é um acontecimento biográfico. Faz parte da construção do projeto de vida. Como tal, este projeto de vida acontece dentro de um campo sócio-histórico de possibilidades. A emergência da educação ambiental — e dos educadores ambientais — neste sentido, não poderia ser compreendida sem a alusão aos contextos que a tornam possível. Tudo isto compõe um campo de possibilidades historicamente situadas dentro do qual se dão as escolhas e identificações inscritas nas trajetórias dos educadores que aí posicionam seu projeto de vida. Este campo de possibilidades que aparece como um horizonte para as opções pessoais está relacionado ao que, em outros trabalhos denominei campo ambiental. Com isto queremos dizer que o campo de possibilidades do projeto de profissionalização do educador ambiental está atravessado pelas várias camadas de história social e ambiental como: a emergência do ecologismo, os movimentos de contracultura, as grandes conferências internacionais, a instituição das políticas públicas para o meio ambiente e educação ambiental, o crescente surgimento de espaços de formação para profissionais ambientais, entre outros. Assim, biografia e profissionalização concorrem para formação da experiência de um sujeito social que trará em si as marcas de seu tempo e de suas inserções. Desta forma, podemos pensar as trajetórias de vida e de profissionalização como espaços privilegiados para compreender a educação e o educador ambiental, como uma das experiências sociais importantes de nosso tempo.

¹ A cura psicanalítica, como nos mostrou Freud implica em contar a outrem (o analista) a própria história para que seja possível reinscreve-la em uma nova narrativa, ressignificando o passado e tornando possível novos futuros, livres dos impedimentos causados pela neurose.

O desafio deste modo de olhar é o de adentrar a dinâmica das relações entre indivíduo e sociedade, entre campo e trajetória, entre o sujeito e sua historicidade, para aí compreender a educação ambiental como um ponto de inflexão nas histórias de vida onde se dá o *encontro de um tempo social, um tempo vivido e um tempo narrado*. Neste sentido, uma das vias que torna possível a comunicação, compreensão e internalização da EA por uma comunidade mais ampla de educadores e agentes sociais é a condição narrativa que esta adquire ao ser enunciada, na qualidade de uma experiência compartilhada com outrem.

As biografias narradas através das trajetórias de vida também poderiam ser vistas como espaços *ficcionais*, a partir dos quais, lembrar e contar é sempre reorganizar e reconstruir a narrativa sobre si mesmo. Essa auto-invenção, por sua vez, traz consigo a invenção do Outro, das relações de alteridade e, portanto, da narrativa que identifica um campo intersubjetivo. É neste sentido que a auto-invenção dos sujeitos é simultaneamente posicionada num campo social e demarcadora deste mesmo campo. Em termos da educação ambiental, as trajetórias de vida dos educadores condensam acontecimentos que são constitutivos, ao mesmo tempo, de um itinerário individual e da história da própria educação ambiental.

Vida narrada: entrelinhas, textos e pré-textos

A título de exercício do olhar, usarei aqui um recurso narrativo que pode nos ajudar a ver a educação ambiental como evento biográfico e sócio-histórico. Convido o leitor a percorrer alguns momentos de uma trajetória, apresentados na forma de três crônicas. São relatos de vida que devem ser tomados não como acontecimentos individuais que dizem respeito apenas a quem os viveu, mas momentos de uma trajetória, portadores de uma memória social inscrita naquele percurso individual. Desta forma, reiteramos a imbricação da individualidade e historicidade, duas dimensões que não se separam nesta forma de compreender uma *experiência* de vida.

As crônicas biográficas que seguem foram escritas por mim. Nestas, busco retratar momentos que foram decisivos em minha trajetória pessoal e profissional. Busquei, neste relatos, deixar falar uma *experiência* socialmente compartilhada e individualmente narrada, em sua dimensão de um *cronos* que remete, ao mesmo tempo, a uma experiência social, a um tempo vivido e a um modo narrativo de expressá-lo. Como nos ensina Clarice Lispector trata-se, na escrita, de recuperar os elementos contextuais e seus pré-textos que, na condição de *entrelinha*, constituem esta espécie de *pesca milagrosa* que funda o ato narrativo.

Crônicas biográficas: fragmentos de uma trajetória em EA

I - À sombra da Sibipiruna

— *Nunca tivemos psicólogos buscando estágio aqui, minha filha, mas não vamos deixar de fazer a sua ficha — disse-me com gentileza o Sr. Antônio, com seu sotaque português. Saí de lá imaginando que talvez um psicólogo num parque não fosse assim uma necessidade tão iminente. Quem sabe melhor seria acionar o projeto dos pães, ou o da viagem a Mauá, nas férias.*

Era início dos anos 80. Terceiro ano da graduação em psicologia. Chegava a hora de estagiar num hospital psiquiátrico. Mas Lang, Cooper, Basaglia e outros antipsiquiatras me diziam que mais valia apostar na saúde, conhecer uma comunidade alternativa em Maromba, reduto da vida natural. Contudo, eu hesitava em deixar São Paulo, interromper o curso. Melhor vender pão integral na Vila Madalena, vivendo a contracultura no Lira Paulistana. Mas, em todo caso, listei os parques com uma idéia na cabeça e um guia da cidade nas mãos: uma psicóloga em parques. Afinal, alguém tinha de pensar nos visitantes, na comunidade, nas atividades adequadas para as diferentes faixas etárias etc. Além do mais, o contato com a natureza deveria ter um caráter preventivo para a saúde mental. Comecei pelo Horto Florestal, na Serra da Cantareira, lugar que eu freqüentei desde criança.

Poucos dias depois da conversa com o Sr. Antonio, em meio a sensação absurda da morte de Elis Regina, fui surpreendida por um telefonema do Instituto Florestal. Um agrônomo recém chegado da Suíça, com formação em ecologia humana, montava uma equipe multidisciplinar de pesquisa que incluía estudantes de arquitetura, biologia e psicologia. A pesquisa relacionava unidades de paisagem e comportamento dos usuários. Este agrônomo, então responsável pelo Parque, era um cientista da natureza pouco ortodoxo para os rigores disciplinares do Instituto, paisagista, leitor de Saint Hilaire e São João da Cruz. Em menos de 10 dias lá estava eu, à sombra de uma Sibipiruna, observando e entrevistando usuários. Enquanto reunia anotações em meu caderno de campo, transbordava, em estado de graça: estava ali, era real, tinha sido atendida por algum anjo distraído. Dois anos depois, com uma pesquisa sobre a percepção da paisagem natural por crianças em visita ao Parque e o diploma de graduação recém obtido, já não era estagiária. Meu primeiro emprego: Técnica em Educação Ambiental. Afinal, havia me tornado uma psicóloga de Parques.

II - Na linha Glória-Leblon

Agosto de 1990. Sol forte na cidade que não conhece inverno. O Glória-Leblon avançava lentamente, chiando o freio a cada meio metro, até estancar na frente do cineclube Estação Botafogo. Uma e trinta da tarde, saída dos colégios na Voluntários da Pátria. O letreiro anunciava Asas do Desejo, de Win Wenders. No banco de trás um tipo suado, de camiseta regata e bermuda, empunhava um rádio portátil. Na pauta do dia, as providências da prefeitura para receber a Conferência Internacional da ONU sobre Meio Ambiente, que logo seria orgulhosamente apresentada como a Rio-92.

Voltando do grupo de supervisão psicanalítica, aquelas notícias me soaram como um ultimato: afinal, onde estaria eu durante a Rio-92? Imaginei como seria, depois de anos trabalhando com o tema, passar ao largo do acontecimento ambiental da década. Afinal, eu acabara de defender uma dissertação sobre educação ambiental e os discursos ecológicos. Além disso morava no Rio naqueles anos. Pela lente da psicanálise, o que dizer sobre o evento? Mero serviço dos bens, diria Lacan em sua ética do desejo. Territorialidades em luta, dizia o título da dissertação recém defendida e, como palavra plena, denunciava clandestinamente a tensão daquelas duas órbitas, movendo-se em diferentes rotações.

Início de 1991. Ao currículo remetido via balcão de anúncios do Jornal do Brasil seguem-se as entrevistas na rua Vicente Souza, quartel general das análises de conjuntura, onde a

volta do irmão do Henfil inaugurara um novo estilo de ação política. Ao final, lá estava, integrando um grupo de novos pesquisadores que ampliava a trupe de profissionais militantes. Tínhamos a missão de elaborar a contribuição do Instituto no debate ambiental. O nome do projeto veio logo: Meio Ambiente e Democracia. Ao final da primeira semana de trabalho fui arremessada para São Paulo, numa tumultuada reunião, em pleno fim de semana. Era estranhamente familiar estar ali, sentada no auditório da PUC-SP onde cursara toda a graduação em psicologia, sem nunca imaginar, naquela época, que um dia voltaria àquele auditório como representante de uma ONG carioca. Um cartão verde me dava direito a voto nas decisões da coordenação do Fórum de ONGs e Movimentos Sociais preparatório para a Rio-92.

Vieram muitas outras tumultuadas reuniões e assembléias. Ecologistas, movimentos sociais e ONGs se enfrentaram em disputas acirradas até que, num clima de confraternização planetária, chegou o esperado junho de 1992. A prefeitura retirou das ruas mendigos e meninos e negociou uma trégua na violência urbana. Apesar da presença do exército, o Aterro estava pronto para mostrar ao mundo sua versão Era de Aquário. Junto com o Rainbow Warrior, aportou no Flamengo o Fórum Global, com suas tendas, 350 stands, 2.500 ONGs, 15.000 representantes de tribos de todo o mundo e de todos os mundos. Debates políticos, Shirley MacLane, Ianomamis, Planeta Fêmea, abaixo-assinados, hinos Hare Krishna, Vandana Shiva, chefes de Estado discursando no telão, Santo Daime, árvore da vida, Fidel Castro, Dalai Lama, crianças em excursão, stands de entidades e produtos ecológicos coabitavam o espaço multicultural do Fórum Global.

Essa imersão pelas mutações da cultura e da política, no coração do acontecimento ambiental, constelou órbitas inusitadas, redesenhou fronteiras, e inaugurou um tempo de perplexidades. Eu intuía que estava no centro incandescente do que se desmancha no ar.

III - Porto Alegre Via Canoas

No desembarque uma multidão aguardava a saída dos jogadores do Inter, o que dificultava a localização de Frei Roberto, com quem apenas tinha me correspondido por e-mail. Ao buscar um telefone, fui abordada por um jovem de jeans e jaqueta de couro: Você é a pesquisadora? Perguntou-me, com um certo espanto. Lá estávamos, frente a frente, ambos um pouco desconcertados com a imagem que tínhamos atribuído previamente um ao outro. Afinal, o que esperar de alguém que vinha na impossível tarefa de substituir Betinho na abertura de um seminário sobre catadores e galpões de reciclagem, em Canoas. Todos nós, no IBASE, já tínhamos vivido essa situação. Multiplicávamos-nos como braços e pernas da Campanha da Ação da Cidadania atendendo às viagens, uma atividade que Betinho evita naquele período por motivos de saúde. Com nossas caras comuns, nomes desconhecidos, pouco correspondíamos à expectativa despertada por nosso carismático diretor. Ele, enquanto isso, com seu humor fradinho ria

marotamente, ao abrir uma cerveja no fim da tarde, do espanto que disseminava pais afora, para surpresa dos anfitriões, enviando seus anônimos representantes.

Foi assim que cheguei a Porto Alegre em 1995, via Canoas. Trazia na bagagem a possibilidade de um dia vir morar. Pelo sim ou pelo não, marquei uma conversa com o coordenador do Pós-Graduação da UFRGS, sobre o doutorado. Tomei o Trensurb e desembarquei no Mercado Público. Titubeando pelas vias do centro, cheguei ao Campus, pela João Pessoa. Lá fui atendida com amabilidade pelo professor. De sua sala no sétimo andar avistei o Guaíba, emoldurado pela fachada da pequena igreja colonial no alto da Independência. Era final de tarde de outono e eu vislumbrava a nova paisagem que ia se configurando no horizonte.

Desci no Galeão, percorrendo com cuidado o percurso até os táxis. O trajeto tantas vezes percorrido tinha então um quê de novidade, um ar de quem já sabe que, mesmo chegando de volta, iniciou a partida.

* * *

Para finalizar, não cabe nenhum comentário sobre as crônicas, que aqui foram inseridas na condição de matéria viva, com intuito de facilitar o acesso ao argumento proposto para abordar a educação ambiental. O que quisemos destacar neste artigo foi a possibilidade de pensar a educação ambiental e a formação do educador/a em sua dimensão de fato biográfico e profissional, experiência e projeto de vida, situados em um certo horizonte de possibilidades sócio-históricas. Quisemos indicar que é através da atribuição de sentidos compartilhados que se realiza uma *experiência* historicamente relevante. Pensamos que aí reside uma das noções mais pródigas de aprendizagem. Uma aprendizagem que diz respeito a transformações simultaneamente individuais e coletivas, que marcam alguma diferença no tempo social. No campo ambiental, esta experiência social de aprendizagem parece despontar nas percepções, valores e atitudes que transformam os modos de vida daqueles que, tocados pela crença um mundo social e ambientalmente justo, tem encontrado na EA, um ambiente de sentidos para viver.

Fonte: Anais do II Seminário Estadual de Educação Ambiental e V Seminário Regional de Educação Ambiental: plano de bacia/ organizadores, Dione Minuzzi Delevati...[et al.]. – Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.